

DEPOSITO LEGAL MAR 1947

MUNDO GRÁFICO

105



Simpática
estonteante
ou apenas
graciosa?
Escolha o melhor
adjectivo
nêste concurso
relâmpago
de beleza

“THE TIMES”

O MAIOR JORNAL DO MUNDO

EM 1785, um certo John Walter fundou, em Londres, um jornal intitulado: «The Daily Universal Register». Criou-o, sobretudo, para demonstrar a eficácia de novo processo tipográfico que permitia compôr não só letras separadas, como palavras inteiras.

O processo, porém, não deu os resultados que se esperavam e foi abandonado. No entanto, o jornal prosperou e recebeu, pouco tempo depois, o título de «Times», conhecido hoje como o maior jornal do mundo. Em 25 de Novembro do ano passado foi publicado o seu número 50.000.

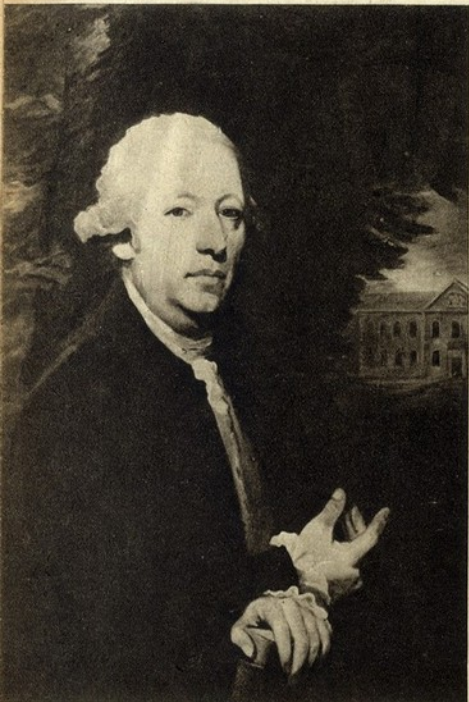
A história do «Times» é mais do que a de simples iniciativa jornalística, tanto mais que ele se tornou um poder no Estado, capaz de influir e, até mesmo, de orientar a política do Governo. Os embaixadores estrangeiros sempre o têm lido e continuam a lê-lo para conhecer a opinião inglesa.

Foi em 1788 que o «Daily Universal Register» tomou o nome de «Times», que começou a vender-se a dois pences e meio e, mais tarde, a três. Desde o seu início que estabeleceu uma tradição de excelente reportagem: publicava notícias dos acontecimentos relacionados com as campanhas napoleónicas antes que o próprio Governo as conhecesse.

(Continua na pág. 29)



O tenent-coronet Astor, membro do Parlamento e presidente do conselho de administração do «Times», discutindo com o director do jornal os problemas da Imprensa de guerra



John Walter, fundador do «Times»



O actual John Walter, descendente do fundador, no seu gabinete de trabalho

REFLEXOS DO MUNDO



Novos engenheiros ingleses trabalham na construção de modernos portos fluviais, na Birmania, utilizando escafandros

— Bem, que disse o réu? repetiu o advogado, com um sorriso confiante a bailar-lhe nos lábios.

— O réu não estava em casa — foi a resposta.

(World's News, Sidney)

Crescei e multiplicai-vos

Não há pai no mundo que possa comparar-se com Mula; Ismail, a glória dos imperadores da dinastia Sharigan.

Mula; reinou em Marrocos durante cinquenta e sete anos, na capital de Tafilar. Segundo o hábito real em Marrocos, teve muitas mulheres e morreu em 1727, deixando 548 filhos e 340 filhas.

(Sidney)

A substância mais secreta do mundo

O Brasil é o seu maior produtor. Trata-se da *tantalite*. Mais rara do que o ouro, foi descoberta há mais de cem anos. No tempo da paz usa-se para filamentos de lâmpada electrica. Requere o trabalho de 130 dias para ser utilizável na marinha uma tonelada de minério.

O tântalo é muitas vezes mais duro do que o mais forte dos aços.

A sua melhor aplicação teve lugar nesta guerra, na ciência médica. Graças ao tântalo, muitos soldados ficaram com vida, depois de terem fracturado o crânio nas batalhas.

(B. Smith, «Look»)

Deformação profissional?

Um cantor, orgulhoso da sua voz de baixo, descrevia um belo sonho que tivera uma noite de inverno.

— Encontrava-me num formidável côro — disse o cantor. — Cinco mil sopranos, cinco mil contraltos, cinco mil tenores, todos juntos a cantarem forte.

— Devia ser maravilhoso — disse o ouvinte. Mas que era feito dos baixos?

— Essa é que essa! — bradou o sonhador. — De repente, o

maestro fez parar o côro e, voltando-se para mim, disse: «Por favor, não cante tão forte!»

(Tit-Bits, Londres)



Esta reparadora italiana auxilia os aviadores da R. A. F. Ela com uns litros de gasolina — e o seu sorriso optimista

E tudo o vento levou...

Os múltiplos êxitos aliados, que tornaram possíveis os poderosos golpes desferidos contra a própria Alemanha, produziram mais do que simples vantagens territoriais, pois arrancaram da Alemanha algumas das mais importantes fontes de matérias primas que alimentava a máquina de guerra nazi: manganês,

de Nikopol; bauxite, da França; ferro, de Krivoreg e da Lorena; trigo da Ucrânia, Polónia e Balcans; petróleo de Ploesti; e níquel de Petsano; linho e cânhamo dos Países Baixos; carvão da França, Hungria e Checoslováquia e gado, cavalos, porcos e cereais de diversas regiões.

O esgotamento alemão

Nos seus ataques ao Reich, em 1944, as forças aliadas reduziram a menos de um quarto a força de que dispunha o Exército alemão antes da guerra. Não obstante as repetidas mobilizações «totais», que por completo esgotaram o reservatório alemão de potencial humano, os progressos Aliados aniquilaram outro meio milhão de soldados alemães em Creta e nas ilhas do Mar Egeu, nos portos marítimos do Atlântico, em França, nas ilhas do Canal da Mancha, na Letónia e na Noruega setentrional.

Uma opinião sobre a multidão

Divido as pessoas em três classes: — a minoria, que produz os acontecimentos; alguns que esperam os acontecimentos; e a espantosa maioria que não fez a mínima ideia do que acontece.

(N. Murray Butler)

Jorge VI colecionador

O Rei de Inglaterra possui a mais valiosa coleção de selos do mundo e dedica sempre alguns momentos do seu enorme labor diário para cuidar dela

Psicofisiologia

Eis uma das razões por que um cão é um bom amigo: mexe a cauda, e não a língua.

(Quote)



Os soldados ingleses lutam, agora, na frente Ocidental com esta estranha camuflagem



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS
19.30	30,9	19,5	23	39,6
19.45	23	39,6		
21.45				
às	23	39,6	49,6	
22.15				

Ouçã o locutor JORGE ALVES às 21.45

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C.
todos os dias das 18 e 45 às 19.00

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA



Hollywood não se esquece dos soldados das Nações Unidas

IMPERMEÁVEIS



NA Grã-Bretanha, Charles Macintosh produziu em 1825 uma substância impermeável impregnando o tecido com uma solução de borracha em nafta.

A fabricação de impermeáveis continua, porém, a ser um problema para o químico. Os artigos de vestuário impermeáveis e os oleados são, de facto, à prova de água, mas são também impermeáveis ao ar e, na falta de dispositivos especiais de ventilação, tornam-se pesados e quentes. A dificuldade está em tratar as matérias-textéis de modo a combinar a protecção com a ventilação. No entanto, têm-se aperfeiçoado certos métodos, alguns dos quais podem ser aplicados até aos materiais mais delicados. A última realização dos químicos britânicos é um impermeável que resistirá à própria lavagem. Actualmente, existem ainda as necessidades especiais dos engenheiros, operários e outros, ao serviços das forças armadas e da indústria, cujos fatos de trabalho devem ser, simultaneamente, bastante leves para permitirem liberdade de movimentos e suficientemente fortes para os protegerem contra as intempéries.

Pertence ao químico a honra de ter habilitado o fabricante britânico de tecidos a combinar estas qualidades.

A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra



A CAMINHADA

por ARTUR PORTELA

VINHAM fugindo da terra, que rolava lá em baixo, num estranho silêncio, envolta ainda na fumarada difusa dos canhões. Naquele exército de vencidos, à frente do qual marchavam alguns homens vulgares e desconhecidos, os feridos e os mutilados, rôtas as fileiras e abandonadas as armas, surgiam como lívidos espectros, nas alturas, onde a vida está suspensa na sombra eterna do mistério.

Uma névoa indecisa envolvia-os num manto gélido de penumbra.

Destinguíam-se, apenas, os vultos estropiados, de braços caídos, viseira carregada e, nas mãos, aquele derradeiro gesto que ficara da luta, crispado duma energia inútil. A serpe humana arrastava-se numa longa e interminável cadeia. Milhares de milhões de cabeças.

Mortos pareciam vivos! Vivos pareciam mortos! Era uma escalada difícil e arquejante. As nuvens desmoronavam-se, vertiginosamente, sob os pés cansados e eles caíam, tropeçavam, corriam, na ância de chegar ao fim da jornada, para dormir, enfim, no seio do eterno!

Então, uma voz reboou nas alturas, nua como uma espada e tronitruante como a trombeta do Juízo Final. Vinha de perto e de longe, ressoando através do infinito, grave e poderosa como uma sentença de bronze imperecível.

— Mostrai as vossas mãos?

A mutilada falange humana estacou, assombrada. As nuvens desfizeram-se. Uma ou outra estrela lucilava ainda no crepúsculo da madrugada. Os espectros não souberam responder, mas responderam por eles, numa trágica e indelével acusação, os dedos hirtos e enclavinados, que não estavam apenas manchados da negra pólvora dos combates, mas também do sangue ainda fresco da última jornada decorrida na terra.

— Porque esquecestes Deus? — trovejou de novo a voz magestosa e imensa.

Todos, outra vez, emmudeceram. Os que iam na frente, carregados de ferro — os únicos! — guias sem luz, recuaram transidos. Nem a morte era para eles o silêncio e o esquecimento, antes o remorso, a culpa e o castigo — ainda e sempre! Que condenação pávida caía agora sobre os que, arrogantes e coléricos, ameaçadores e despóticos, talaram o mundo, destruindo a beleza e crucificando o amor?

Atraz desta legião de sombras, tudo ficará em ruínas, progromes de judeus, cinco milhões, na maior hecatombe da história; livros a arder em fogueiras deslumbrantes; suplicios, misérias e condenações — e Cristo regado por um paganismo violento e animal!

A voz calou-se e a marcha recomeçou, mas os soldados que iam à cabeça da fantástica legião, vestidos de ferro, desapareceram, súbitamente.

Então, a luz da manhã começou subindo, em hossana de paz. O sol nas alturas parecia um grande turíbulo de ouro. Lá em baixo, a terra inundara-se de claridade. Cresciam já, nos campos de batalha, searas que palpitavam ao vento, fecundas do pão de amanhã. As torres das catedrais reconstruídas, como anjos pousados na terra, guardavam de novo o tesouro fascinante da felicidade humana e nos jardins, as crianças vestidas de côr eram flôres de inocente alegria. A vida voltara, enfim, a ter o seu preço sagrado!



LORD WRIGHT ★

LORD WRIGHT é uma grande figura da magistratura inglesa. Pode dizer-se que a sua carreira foi inteiramente devotada do exercício da missão de julgar, com uma atenção, um espírito de compreensão e um sentido de justiça que fizeram dele o símbolo vivo de uma das mais nobres profissões que se cultivam em Inglaterra.

Lord Wright acaba de ser escolhido para presidir à Comissão encarregada de organizar os processos de delitos de guerra. E nunca, talvez, um homem tivesse sobre os seus ombros uma responsabilidade tão pesada como aquela que um dos mais categorizados juizes britânicos acaba de assumir.

O problema dos delitos de guerra pertence à categoria daqueles que não podem deixar de ser encarados e resolvidos com a maior circunspeção e com um espírito de independência total. Nenhum rasto de paixão deve influir na sua resolução para que esta se revista das indispensáveis características de imparcialidade. A intervenção de factores ou tendências de ordem pessoal não pode deixar de prejudicar a execução de uma empresa que se destina, essencialmente, a fazer justiça.

É por isso que a escolha de Lord Wright, pelo passado, pelas tendências e pela formação moral deste categorizado membro da magistratura britânica, foi acolhido por toda a parte, e em especial nos países anglo-saxónicos, com um sentimento compreensivo. Ninguém ignora os escolhos que no exercício da sua missão ele terá que removeram. Ninguém duvida de que, dada a delicadeza da tarefa que lhe vai ser confiada, dificilmente ela poderia recair em individualidade mais autorizada.

CRÓNICA INTERNACIONAL

É O FIM QUE SE APROXIMA

O fim da guerra aproxima-se com uma rapidês vertiginosa. De todos os lados aquilo que se convencionou chamar a fortaleza germânica sofre o assalto irresistível dos povos que se ergueram em armas. É esta a hora da grande esperança e é também a hora das grandes criações.

Há cinco anos e meio, no dia 1 de Setembro de 1939, os exércitos alemães lançaram-se à conquista da Europa atravessando a fronteira polaca e bombardeando, impiedosamente, a cidade de Varsóvia.

Era a guerra relâmpago como agora a estão fazendo os aliados. Na cidade de Varsóvia, arrazada, os esqueletos das casas erguem-se para o céu no testemunho irrecusável da sua nudez e na terra há o fremito impressionante criado pelo sacrifício de milhões de vidas.

Em pouco tempo, os países da Europa, desarmados, aturdidos, foram ocupados, um a um. A Noruega, a Dinamarca, a Bélgica e a Holanda, a Jugoslávia e a Grécia conheceram a mesma sorte. A França, aureolada pela glória da sua intervenção na primeira conflagração, sucumbiu ao choque dum inimigo que preparara de longa data a sua destruição. A Roménia e a Hungria, a Finlândia e a Bulgária eram conhecidas pela designação reveladora de satélites do Reich.

Em 22 de Junho de 1941, quando um ano decorrera sobre a assinatura do armistício com a França, e as tropas alemãs penetravam em território russo, a Europa estava irreconhecível. A essa feição que, em todos os tempos, a história chamara ocupação militar, chamava-se agora a Nova Ordem europeia. Decorrido mais um ano, no verão de 1942, as guardas avançadas alemãs atingiram o curso do Volga e as montanhas do Cáucaso. Na sua marcha irresistível tinham percorrido dois mil quilómetros.

Já nessa hora, porém, o fim se anunciava Implacavelmente. Outubro de 1942 foi a data exacta em que o destino começou a cumprir-se. Essa data está cheia por dois nomes: Alamein e Montgomery.

O que se passou depois, anda ainda na memória de todos para que seja necessário recordá-lo em todos os seus pormenores.

O território do Reich suportou o peso dos bombardeamentos aéreos numa escala sem precedentes. As suas cidades principais conheceram a sorte de Varsóvia, que foi também a sorte de Coventry, de Roterdão e de Belgrado. Um bloqueio incessante conservou-o afastado de todos os mercados e de todas as fontes de abastecimento extra-europeias. Os exércitos alemães iniciavam uma retirada que acaba de alcançar e ultrapassar as próprias fronteiras do Reich.

É o fim que se aproxima, com a certeza magnífica da vitória.

Que nos reserva o futuro? A humanidade, experimentada pelas mais trágicas provações, exige que não volte a repetir-se a experiência. Quaisquer que sejam as medidas a adoptar para alcançar esse objectivo, os homens de Estado responsáveis pela liquidação desta guerra e pela organização da paz não podem recusar-se a escutar e a corresponder ao seu angustioso apêlo.

○ OBSERVADOR

O partido liberal

O Congresso, recentemente reunido, do velho partido liberal britânico foi uma afirmação calorosa de vitalidade política e de fervor patriótico. Evocando de suas tradições magníficas, não deve esquecer-se que era um governo desse partido que se encontrava no poder quando rebentou a primeira conflagração mundial. Dêle faziam parte duas personalidades que, depois vieram a ocupar o primeiro plano da cena política britânica, neste século: David Lloyd George, então ministro das finanças (Chanceler do Tesouro) e Winston Churchill, então ministro da Marinha (Primeiro Lord do Almirantado).

Lloyd George acaba de resignar as suas funções de deputado com mais de oitenta anos, após uma carreira gloriosa em que prestou à pátria os mais relevantes serviços. Quanto a Churchill, o mundo sabe o papel eminente que ele tem desempenhado no decurso desta guerra não apenas em defesa dos interesses britânicos mas de princípios que são comuns a todos os países civilizados. Embora hoje seja o chefe do partido conservador inglês, o nome de Churchill foi dos que mais contribuíram para ilustrar a autoridade do velho partido liberal, que procura regressar ao seu antigo esplendor.

O futuro edifício da Câmara dos Comuns

Há aproximadamente um ano e meio, o sr. Churchill, num dos seus admiráveis improvisos oratórios, propôs que a nova Câmara dos Comuns fosse construída no local onde se erguera a antiga, que as bombas da aviação alemã destruíram. A sugestão teve, dentro e fora do parlamento britânico, um acolhimento entusiástico. Recentemente, o Primeiro Ministro completou-a, propondo mais que no novo edifício a construir fosse incorporado o arco de entrada que constitui um dos mais velhos motivos ornamentais do edifício antigo. Esse arco, na expressão colorida do sr. Churchill, seria como que uma ponte a ligar as gerações passadas com o futuro.

As suas sugestões, dirigem-se, efectivamente, mais ao futuro do que ao passado. A atitude do Parlamento britânico, no período perturbado que a Inglaterra e o mundo acabam de viver, bem merece, de facto, ser recordada como um exemplo de desassombro cívico, de coragem colectiva e de isenção patriótica.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa do Oliveira, 4 e 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Um magnífico retrato da Rainha Vitória, no fim do seu longo, árduo e emocionante reinado.

FOI com a grande Rainha Vitória que em Inglaterra se consagrou a tradição admirável da «primeira dama» da Côrte. Há cerca de um século e meio, portanto, que a «primeira dama» da Côrte, a rainha, nunca deixou de compartilhar

e reflectir a vida do seu povo, nas horas de glória e nos momentos de adversidade. As condições de vida modificaram-se, entretanto, de maneira radical. Mas, no meio dessa transformação, a existência e actividade da «primeira dama» da Côrte

AS GRANDES RAÍNHAS NA HISTÓRIA DE INGLATERRA



A Rainha Isabel, no seu traje de cõrte, antes da eclosão da guerra actual. Este retrato foi tirado quando da visita de Suas Magestades ao Canadá



A Rainha Alexandra. À esquerda, quando foi pela primeira vez a Inglaterra, como esposa do futuro rei Eduardo VII; à direita, algum tempo depois

conservaram um carácter de permanência que retrata, talvez como nenhum outro fenómeno da história inglesa contemporânea, a fidelidade do povo britânico nos seus hábitos consagrados e às suas virtudes reconhecidas. É certo que hoje a «primeira dama» da Cõrte viaja com uma rapidez que a Rainha Vitória não conhecia. Os jornais relatam os seus actos, mesmo os mais insignificantes, a fotografia reproduz os seus gestos, o cinema divulga as suas atitudes, a rádio espalha por toda a parte a expressão da sua voz.

Há cem anos, a actividade diária da «primeira dama» da Cõrte era menos conhecida. Só quando a sua intervenção se fazia sentir em acontecimentos de reconhecida importância política ou de significação histórica, ela aparecia relatada e era trazida ao conhecimento do grande público. As suas funções oficiais são hoje bastante diferentes; a sua vida diária diferente também. A publicidade encarrega-se de revelar as primeiras e de descrever a segunda com uma soma de pormenores que, há um século, causaria o mais justificado espanto.

Mas a «primeira dama» da Cõrte no nosso tempo como no tempo da Rainha Vitória conserva a simplicidade exemplar



A Rainha Vitória, aos 25 anos. Subiu ao trono, quando tinha 18, um mês depois de atingir a maioridade



Uma fotografia recente da Rainha Mary, actualmente a Rainha-Mãe da Inglaterra



A futura «Primeira Dama» e herdeira do trono britânico. Teve uma infância muito simples, como qualquer rapariga inglesa

SKIADORES DA GUERRA

duma inglesa que bem pode ser apontado às mulheres de todo o mundo. A sua infância decorre sem sobressaltos, a sua educação é simples e liberal a instrução que lhe é ministrada.

A rainha Vitória, que nasceu em 1819, viveu com a maior simplicidade até subir ao trono em 1837, com menos de vinte anos. A sua educação, que durante os primeiros anos da sua existência esteve confiada à famosa Fraulein (depois baronesa) Lehzen, foi mais tarde entregue ao reverendo George Davey. Este reuniu um grupo de professores de escol que ensinaram à princesa as noções fundamentais das letras, das ciências e das artes que, nessa época, constituíam, o fundo da cultura europeia. O reverendo Davey encarregou-se de lhe ensinar a história e a religião. Quando, um dia depois de ter atingido a maioridade, lhe foram confiados os destinos da Grã-Bretanha, a rainha redigia com uma facilidade excepcional. Durante toda a sua longa carreira, os seus despachos e a sua correspondência ficaram a atestar essa tendência do seu espírito privilegiado, constituindo documentos do mais alto interesse histórico.

A instrução e a educação que recebeu em nova foram de grande utilidade para a rainha Vitória, durante o seu longo reinado. O caminho do povo inglês e a admiração do mundo acompanharam-na durante a sua gloriosa carreira, que correspondeu a um dos períodos mais brilhantes da história da Grã-Bretanha.

Quando, depois da morte de seu marido, a rainha Vitória passou a fazer uma vida exclusivamente consagrada às obrigações oficiais do seu cargo, a «primeira dama» da Corte passou a ser a esposa do príncipe de Gales, depois Eduardo VII, o autor da Entente Cordiale e um dos maiores diplomatas do seu tempo. A princesa, depois rainha Alexandra, era a filha mais velha do rei da Dinamarca. O seu casamento, em 1863, com o príncipe de Gales despertou entre o povo da Grã-Bretanha um entusiasmo enorme. A sua beleza e os seus dotes pessoais fortaleceram amplamente o movimento de simpatia que a acolheu. Mas era a sua caridade inexgotável que a impôs rapidamente ao conceito dos ingleses do seu tempo. Deve-se-lhe a instituição do «Alexandra Rose Day», o dia

(Continua na pág. 29)



Sobre a Europa caiu um inverno rigoroso, mas nem por isso a guerra, nos seus movimentos, se estabilizou. Pelo contrário, atingiu o auge. Na luta, os skiadores desempenham papel importante



A ofensiva na Itália vai recomeçar. À vista dos Alpes, os exércitos ingleses, que realizaram uma tão brilhante campanha naquele país, vão completar a sua tarefa. Uma patrulha de reconhecimento em acção



Na Itália, as estradas desaparecem, por vezes, sob estes alvos lençóis de neve. A guarnição de um canhão anti-tank, numa espécie de trenó, vai ocupar o seu posto

BERLIM, AGORA!



Numerosas destas cruzeiros vêm-se agora nos campos da França e da Alemanha

OS ÚLTIMOS DIAS DA GUERRA



A batalha atravessou já as fronteiras do Reich. Um destacamento inglês, devidamente camuflado para a neve, atravessa uma aldeia alemã



Os soldados ingleses estão, agora, em plena ofensiva no sector germano-holandês. A guerra faz ruínas mas a Europa será libertada



Num campo de neve, uma bateria de artilharia nem de noite interrompe a sua faina, bombardeando ininterruptamente as posições do inimigo



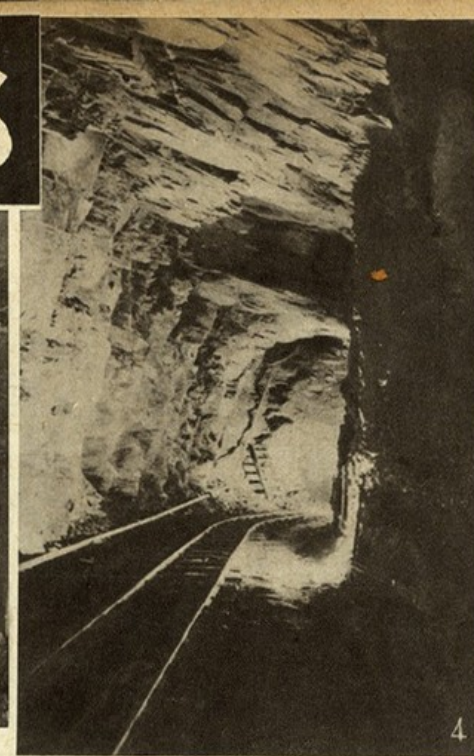
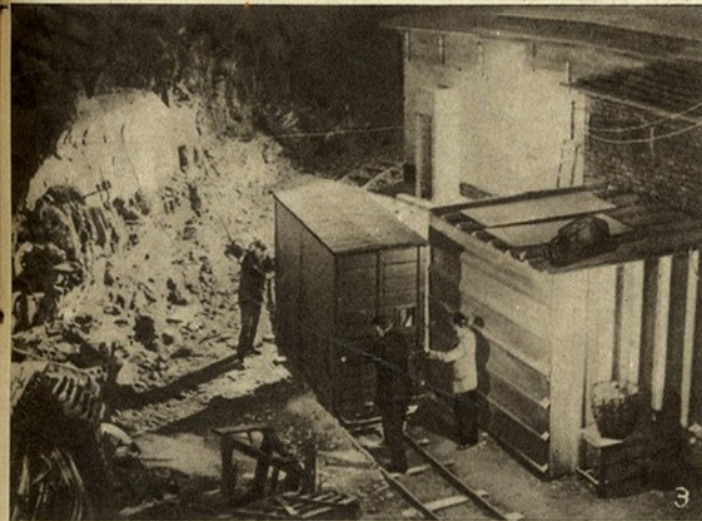
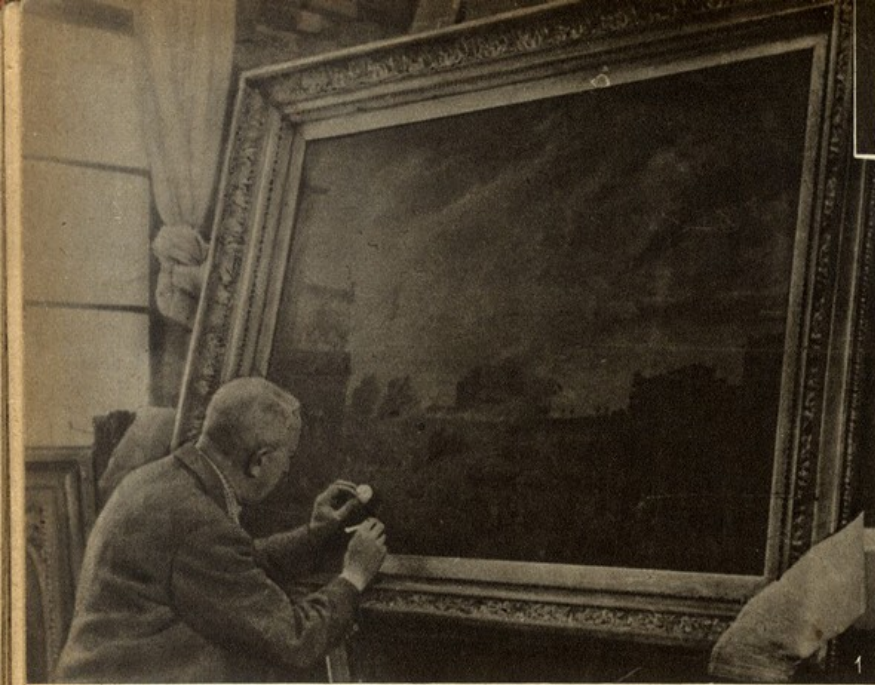
Uma cidade alemã conquistada pelas forças das Nações Unidas. O avanço prossegue

OS JAPONESES VENCIDOS NA BIRMÂNIA



As tropas britânicas têm feito, na Birmânia, uma campanha audaciosa e decisiva. A poucos quilómetros destes homens, encontra-se Mandlay, perigosamente ameaçada

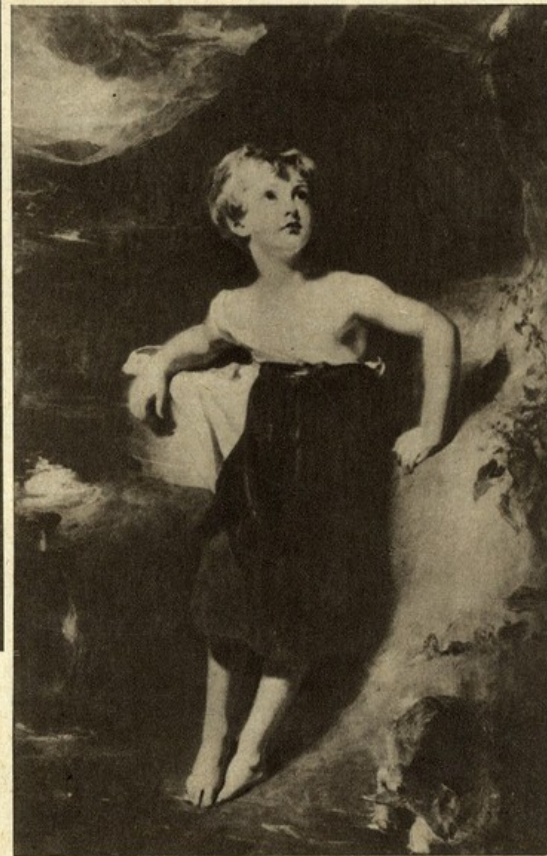
MUSEUS SUBTERRÂNEOS



- 1 — Um restaurador especializado, do British National Art Gallery, trabalhando no seu estúdio, nas grutas subterrâneas.
- 2 — Reparando antigas molduras.
- 3 — Tesouros de arte, representando os gênios mundiais, são armazenados 600 pés abaixo da superfície da terra, em grutas especialmente arejadas.
- 4 — O corredor, que mede cerca de um quarto de milha, dentro da rocha, e tem uma via férrea.
- 5 — Há um homem armado, sempre de guarda, e um alarme torna impossível o roubo.



Um trabalho de Gainsborough «O retrato de suas filhas»



«A criança e o cordeirinho», de Lawrence



Sir Joshua Reynolds e a sua famosa «Idade da Inocência»



A famosa Lady Hamilton, de Romney

Os quadros que durante a guerra têm estado fora do rato das bombas, representam um tesouro inestimável, não somente para a Grã-Bretanha mas também para todo o mundo. A destruição destes magníficos quadros seria prejuízo enorme para a humanidade, um prejuízo que não pode, de maneira nenhuma, ser traduzido em dinheiro. Este tesouro é uma herança do gênio do mundo de há muitas centenas de anos.

A Inglaterra cuidou, a tempo, das suas preciosidades artísticas. Ela sabia que, se a guerra alguma vez, viesse enagüentar o mundo, os agressores não deixariam de fazer cair, sobre as suas cidades o peso da sua aviação. Londres seria, infalivelmente, bombardeada. Por isso se pensou, algum tempo antes de Setembro de 1939, de estudar a maneira de pôr as obras de arte conservadas nos museus britânicos, ao abrigo dos ataques aéreos. E, os pontos escolhidos não podiam deixar de ser no sub-solo. Havia grutas naturais, mas que não ofereciam as condições indispensáveis para passarem, sem mais nada, à categoria de verdadeiros museus subterrâneos. Não tinham as dimensões necessárias nem as instalações indispensáveis à conservação dos quadros que, como se sabe, devem ser guardados sob a influência de temperatura, pressão e humidade especiais.

Todos esses problemas se evidenciaram quando se pensou resguardar convenientemente a preciosa herança acumulada através de séculos e séculos.

O armazem (protegido contra as bombas) que guarda esta herança é uma série de grutas cavadas em rochedos. A decisão para tirar os quadros da National Art Gallery foi tomada por altura das negociações de Munique, devido ao cuidado do director, Sir Kenneth Clark. O especialista científico da National Art Gallery explorou toda a Inglaterra e o país de Gales antes de

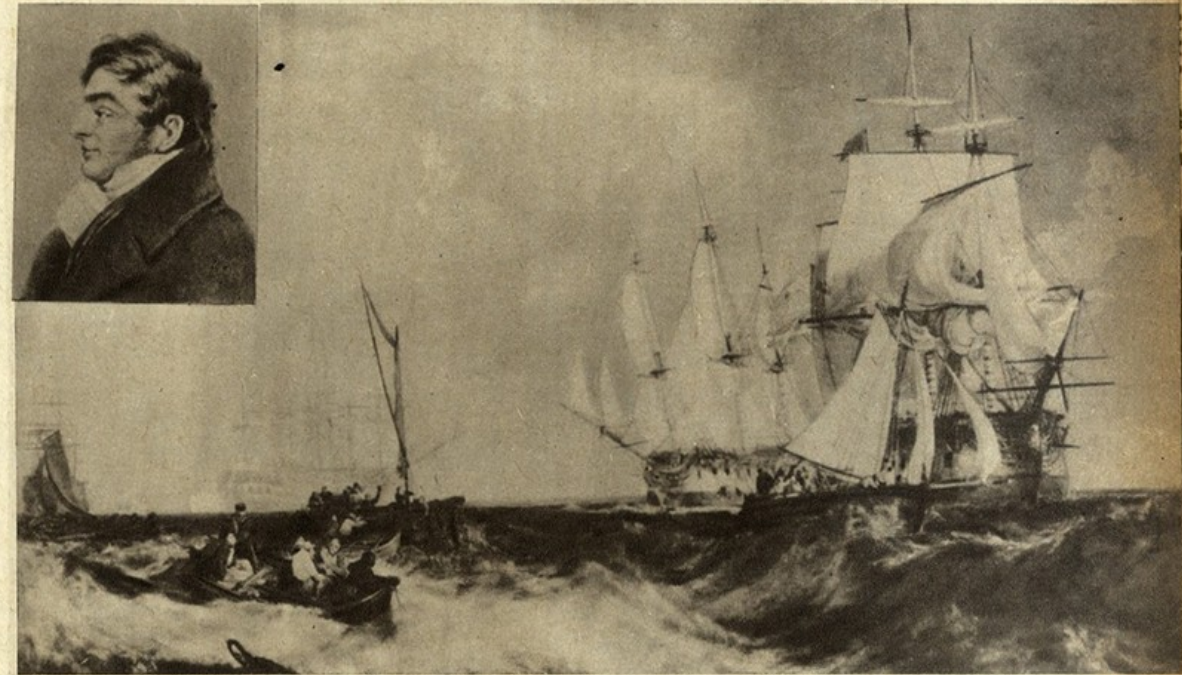
achar o lugar ideal — uma gruta a 600 pés abaixo do nível da terra, com um corredor de cerca de um quarto de milha, cavado dentro da rocha. Isto foi o princípio de uma tremenda aventura técnica — fazer as grutas de mantira que não pudessem ser atingidas pelas bombas e, sobretudo, livres da humidade.

Os corredores foram alargados e alongados (para receber os quadros maiores); uma via férrea foi construída para os caixotes que continham os quadros. Um processo especial de arejamento controla o grau de humidade. Os mais preciosos quadros britânicos já estão há mais de cinco anos debaixo da terra. Um resultado curioso é que eles hoje estão num estado de melhor conservação do que quando se encontravam em exibição pública.

Nem por isso deixou de haver exposições

Quando o público — o público de todo o mundo — tornar a ver as colecções, elas estarão em perfeito estado de conservação. A Sir Kenneth Clark e ao seu pessoal especializado se deve este grande êxito. Ao povo britânico e aos seus numerosos visitantes durante a época de guerra, foi prestado mais um valioso serviço por intermédio do director da National Art Gallery.

Ele incluiu, há cinco anos, um novo processo de exposições, para que o povo inglês possa continuar admirando as obras de arte da Grã-Bretanha. Um quadro cada mês sai das galerias subterrâneas e é exposto num salão de Londres. Muitas vezes se torna difícil observá-lo, tantas pessoas se juntam, normalmente, na sua frente. Mas era a única maneira, oferecendo segurança, de dar ao público a possibilidade de continuar a ver as suas reliquias de arte.



«Paisagem do Mar», de Turner



Os cafés são uma instituição citadina. Deviam mesmo ser classificados de utilidade pública. Expressam melhor a alma de uma cidade, que uma estátua ilustre ou uma destas artérias inviosíveis de arquitectura, que todos nós dizemos de ouvido ser monumental ou grandiosa (dois adjectivos obrigatórios a perspectivas urbanísticas). O café — há muitos! Evidentemente, mas por isso mesmo é que nos devemos renovar a visão fumarenta, escolhendo um cantinho confortável e quente, no Inverno, ouvindo, por exemplo, o sr. Gualdino Gomes, além, no do Chiado, perguntar em selilóquio a Fialho: «que horas são no relógio do teu sogro?» — ou no estio, uma mesa, em cujo tempo, a viração — branda e fagueira, afirmaria Bulhão Pato — dance com as pernas da Ginger Rogers, entre um copo de cerveja loura e uma carapinhada, em gruta de cristais, de fazer agora arrepiar de frio o mais intrépido explorador polar. Porque, sim, o café, o tomar o

(Continua na página 30)

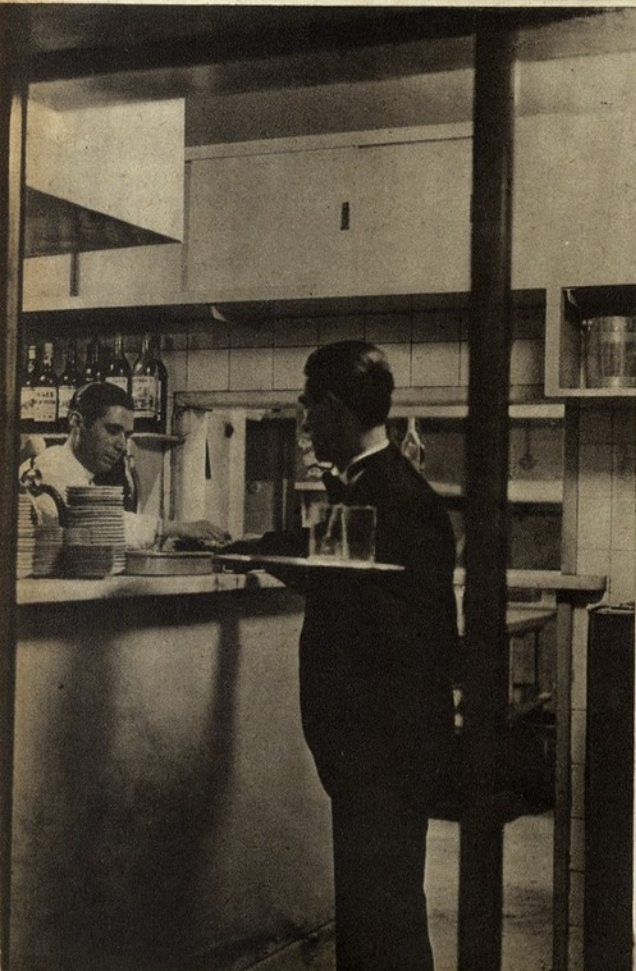


A' tarde, num café do Rossio. Os frequentadores habituais, lêem as «últimas» da guerra, entre uma chávena de café e um cigarro

FISIONOMIA DOS CAFÉS



Lá se foi um cálice. O pior é que dá azar partir vidros...



Quando Lisboa começa a despertar, já no café se trabalha para que os primeiros freguezes o encontrem restabelecido da noite da véspera

← Um café bem quentinho e um copo de água

A RAINHA BRANCA DA BIRMÂNIA

É a história de uma jovem e intrépida inglesa que tem prestado à Inglaterra grandes serviços, na frente da Birmânia. Quando os japoneses, com três divisões, atravessaram o rio Chindwin, a rádio de Tóquio espalhou a notícia de que a Índia tinha sido invadida e que o exército do Imperador marcharia até que chegasse ao Forte Vermelho de Delhi.

Pouco depois, lugares e personagens pouco conhecidos começaram a figurar nas notícias mundiais: o pequeno estado Índio de Manipur com o seu Rajah; Imphal, capital do estado de Manipur e que até a sua transformação como base do grande XIV Exército era uma cidade de cabanas de bambú, com alguns bangalós europeus, no meio de lindos jardins; Dimapur, uma estação no caminho de ferro de Assam à Birmânia e ligado a Imphal por uma estrada íngreme, difícil e acidentada e que atravessa a pequena estação de Koha, com as suas rosas e suas gardénias; e, últimamente, mas não com menor importância, os homens das serras de Naga, e a grande barreira das montanhas de Naga situadas entre Manipur e o caminho de ferro e o vale do Brahmaputra.

Uma raça pitoresca são estes Nagas, com o seu toucado de plumas e grandes lanças, ornadas de borlas, com a sua primitiva e decadente civilização e a sua temível reputação de dias passados como selvagens caçadores de cabeças. Quando os Nagas se tornaram conhecidos, uma lenda começou a circular entre os homens do XIV Exército. E, caso curioso, a lenda era verdadeira.

Uma mulher branca, de facto, vivia só, numa aldeia de Naga, colocada no alto duma saliência das serras de North Cachar, à distância de dois dias de marcha forçada do seu vizinho europeu mais perto. Muitos dos homens das tribus



Esta é que é a Rainha Branca das serras da Birmânia. Chama-se Ursula Graham e é notável cientista.



Os japoneses são repelidos da Birmânia. Uma patrulha, no meio da selva, onde os homens têm a bravura e a destreza dos tigres

consideram-na como a reincarnação de certa mulher sábia que tinha alcançado grande celebridade e que, justamente, antes de morrer, anunciou que reapareceria no meio do seu povo, sob aparência muito diferente.

Miss Ursula Violet Graham Bower, de 22 anos de idade, mais alta do que o normal, de olhos azuis, loira e de sorriso cativante, é uma antropologista. Uma visita feita por acaso, em 1937, a amigos que viviam em Imphal, fez nascer nela grande interesse pelos Nagas, e surpreendeu os seus amigos por desaparecer durante um mês num trilha solitário da sombria montanha. Quando eventualmente, regressou à sua casa em Londres, trazia um álbum cheio de fotografias das melhores e foi a Cambridge procurar tudo que já se tinha escrito sobre os Nagas.

Em 1939 estava em Panppur obtendo material para uma série de conferências no estrangeiro e, no princípio da primavera de 1940, decidiu que a contribuição mais útil que podia fazer ao esforço de guerra seria viver durante o espaço de um ano numa remota aldeia de Naga, nas serras de North Cachar. Ainda hoje lá vive.

A parte que os Nagas tomaram ajudando as tropas do XIV Exército quando os japoneses penetraram nas sendas das serras num dos seus esforços desesperados para conseguirem Kohim e Dimapur, faz agora parte da história.

Os Nagas mostraram-se sensatos, dignos, merecedores de confiança, como também férteis em recursos. Ursula Graham Bower ficou sempre com eles. Depois de ter ganho a sua confiança, de os ter reconciliado com uma autoridade que só queria o seu bem, continuou a tomar conta dos seus interesses materiais, conseguindo para

(Conclui na pág. 30)

A CAMINHO DE BERLIM



Uma das últimas palavras da guerra é o tank lança-chamas, com combustível líquido, cujo jacto incandescente se torna verdadeiramente mortífero, porque a parábola de fogo alcança 110 metros

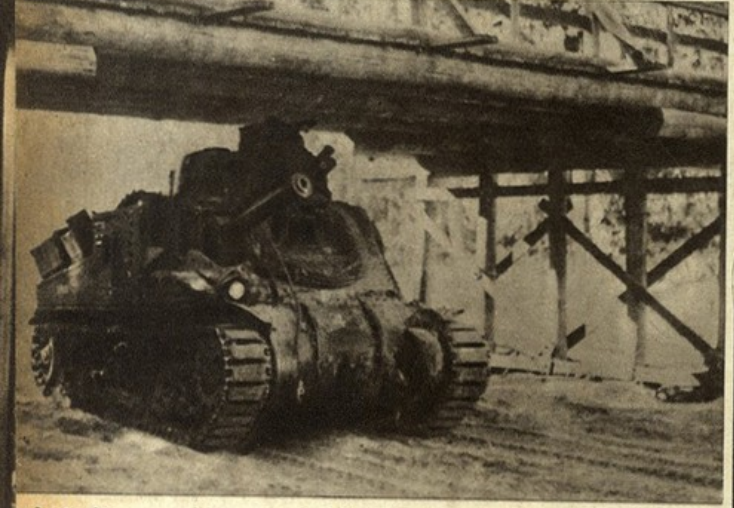


A neve caiu abundantemente sobre a Europa. Nem sempre todos os exércitos estão preparados para resistir à intempérie. Dois soldados alemães feitos prisioneiros



Neste edifício encontram-se numerosos alemães. Os soldados britânicos, de rastos, com pistolas metralhadoras, avançam sob o fogo e conseguem penetrar ali

AS ÚLTIMAS BATALHAS

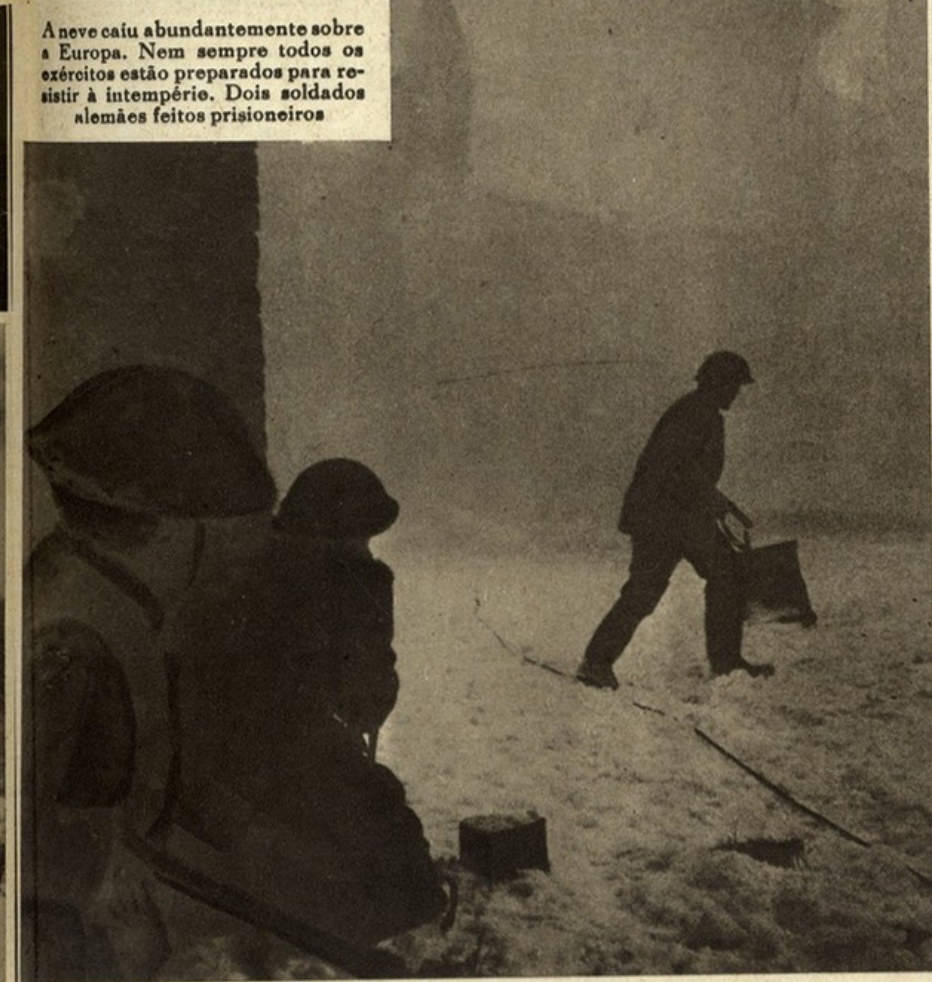


Tanks ingleses aproximam-se de Mandalay. Um poderoso tank britânico, que avança para a frente, numa paisagem espectral da neve

A OFENSIVA DE INVERNO



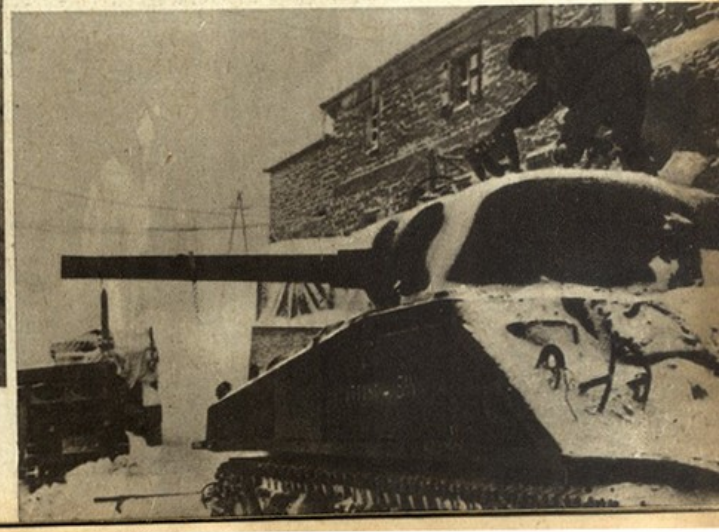
Enquanto um tank inglês avança para a frente de batalha, um blindado inimigo, que fôra atingido pelo fogo britânico, fumega ainda furiosamente
Em pleno combate. Os primeiros soldados ingleses entram numa aldeia, debaixo de uma seraijada de tiros, mas, com decisão, conseguem desalojar o inimigo, num recontro brilhante



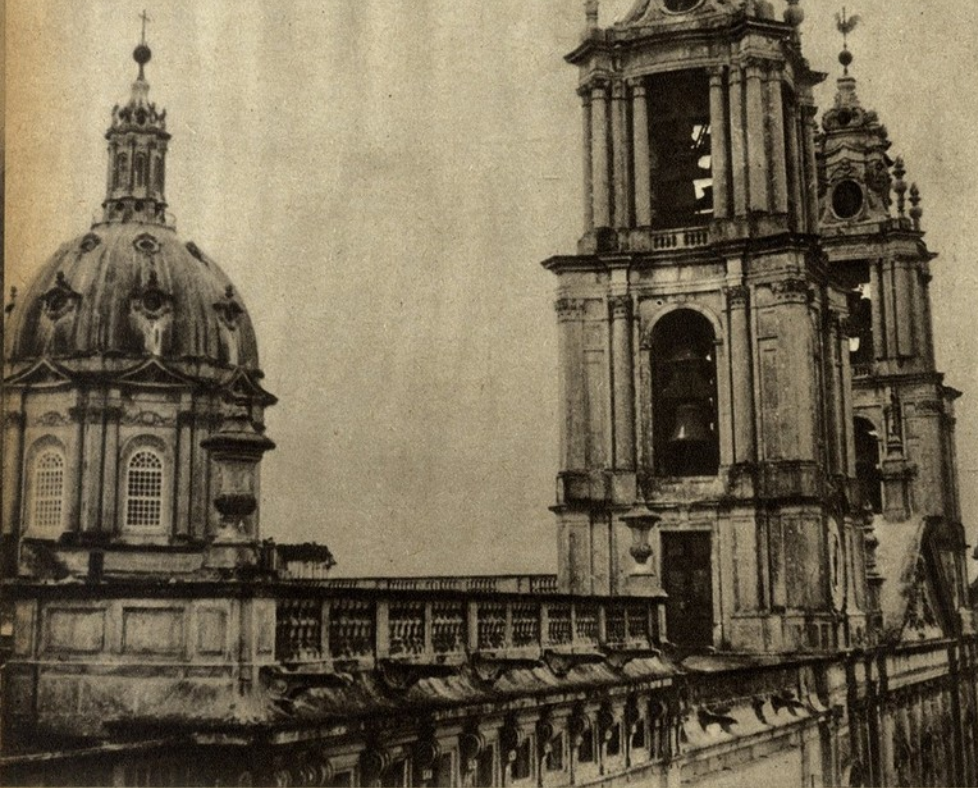
Um ataque inglês no meio de um cenário fantástico de uma aldeia cheia de neve e de fumo dos canhões. Os soldados parecem sombras, mas as sombras avançam, espiondo e desalojando os nazis
Os tanks são cada vez maiores — e os seus canhões também. Blindados ingleses numa estrada do norte da Itália



Instantâneo de um ataque britânico a uma aldeia alemã. O fotógrafo também arrisca a vida, mas fixa uma imagem impressionante



A GRANDEZA DE MAFRA



As torres de Mafra com os seus famosos carrilhões

O convento de Mafra é um dos maiores monumentos da Europa e não lhe é imprópria a designação de gigantesco.

É conhecida a série de opiniões contraditórias acerca da sua arquitectura e do seu valor monumental. Contudo, no que se refere à sua grandeza, as opiniões são absolutamente concordantes.

O enorme edifício representa o esforço de anos e anos de labôr. Mais: traduz a firmeza da alma lusa, a sua tenacidade e a sua indomável vontade. Uma das mais impressionantes cerimónias foi o lançamento da primeira pedra para a sua construção. Essa cerimónia, a que presidiu o monarca D. João V, ficou memorável pelo seu fausto. Era o princípio da realização de um grande sonho feito arte.

Começados os trabalhos em 1717, em 1729 empregavam-se na construção cinquenta mil operários. Segundo o «Guia de Portugal» morreram durante o período da construção 1338 operários e gastaram-se 48 milhões de cruzados — quantia já fabulosa para aquela época.

Utilizaram-se 1270 bois 7.000 carros. A área do edifício é de 40 000 metros quadrados e o Convento tem 4.500 portas e janelas.

Aparte o recorte gracioso dos imponentes torreões, o edifício é uma enorme mole de pedra cujo aspecto esmaga pela grandeza.

Sob o ponto de vista artístico, como dissemos, as opiniões divergem.



Uma perspectiva da biblioteca, que é das melhores de Portugal
O convento tem lindas estátuas, algumas delas esculpidas por artistas italianos





Os mais ricos mármore revestem o interior do magestoso templo

Alexandre Herculano chamou ao Convento de Mafra «Sensaboria em mármore». Todavia, algumas figuras de renome mundial referiram-se mais elogiosamente ao edifício.

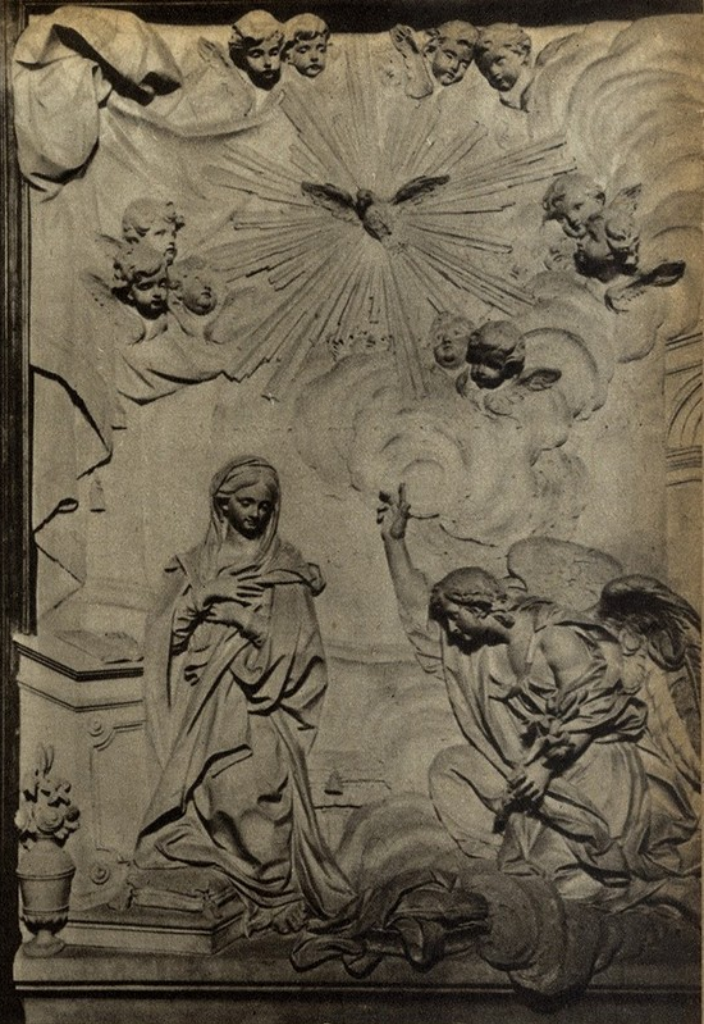
Backford escreveu sobre a arquitectura da obra monumental o seguinte: «Nunca observei um conjunto de mármore tão preciosos como o que resplandece por cima, por baixo e em redor de nós... Nunca vi capitéis coríntios mais bem modelados nem esculpido com maior precisão e engenho do que os das colunas que sustentam as naves».

Byron classificou a Basílica de «most superb», e acrescentou: «É o orgulho de Portugal, como poderia ser de qualquer país, quanto a magnificência sem elegância».

Sejam, porém, dispares as opiniões acerca do gigantesco monumento, o que é certo é que ele reflecte a vontade forte de um povo no seu espírito empreendedor.

Depois, alguma coisa devemos de belo àquêl edificio: da escola de arquitectura que, durante anos, funcionou no convento saú, entre outros artistas admiráveis, o grande Machado de Castro.

A história do convento de Mafra é cheia de episódios que dariam para elaboração de uma grande obra. Não é, todavia, trabalho fácil de realizar num simples e descuidado artigo de revista.



Um admirável baixo-relevo que simboliza a Anunciação

Tôdas as pessoas estudiosas conhecem, mais ou menos, o esforço que representou a construção do grandioso mosteiro.

Só poucos portugueses ignoram que a sua biblioteca é uma das mais ricas da Europa; que ali existem verdadeiras raridades bibliográficas; que a sala ampla e sumptuosa contém ordenados em artísticas estantes, cerca de trinta mil volumes; que os torreões do mosteiro deenhm graciosamente no espaço um perfil architectónico artístico, mas bastante contraditório em relação à traça architectural do resto do edificio. Tudo isto e muito mais que é do conhecimento público faz parte da história do mosteiro. Sim. Porque o grande convento tem, como de resto tôdas as grandes realizações de arte, a sua história.

O quadro da época em que foi construído o convento é um dos mais expressivos quadros da nossa história.

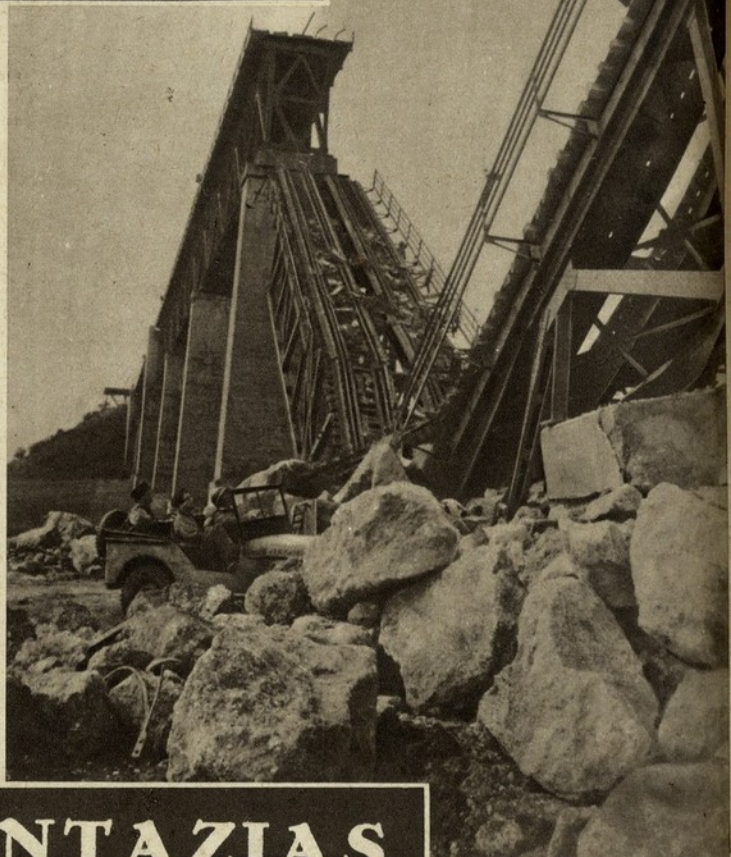
Se o leitor se recordar que para manter a disciplina entre cinqüenta mil operários empregados na edificação da obra, que tantos foram os trabalhadores que à edificação deram a sua habilidade, o seu esforço e até a sua vida, que, dizíamos, para manter essa multidão babilônica, foi necessário que as autoridades enviassem para Mafra sete mil soldados de infantaria e de cavalaria, far-se-á uma idéia do que seria Mafra naquêl tempo!



Santa Clara, no seu nicho de pedra. Esta estátua tem grande valor artistico

DESTRUIÇÕES DA GUERRA

A guerra com o Japão retardou, três anos, a cerimônia da coroação do rico marajá de Manipur. Os nipônicos foram repellidos dos estados daquele soberano, cujo palácio fôra destruído por uma bomba do invasor amarelo. A cerimônia realizou-se porém, ali, entre ruínas



FANTAZIAS DA NEVE

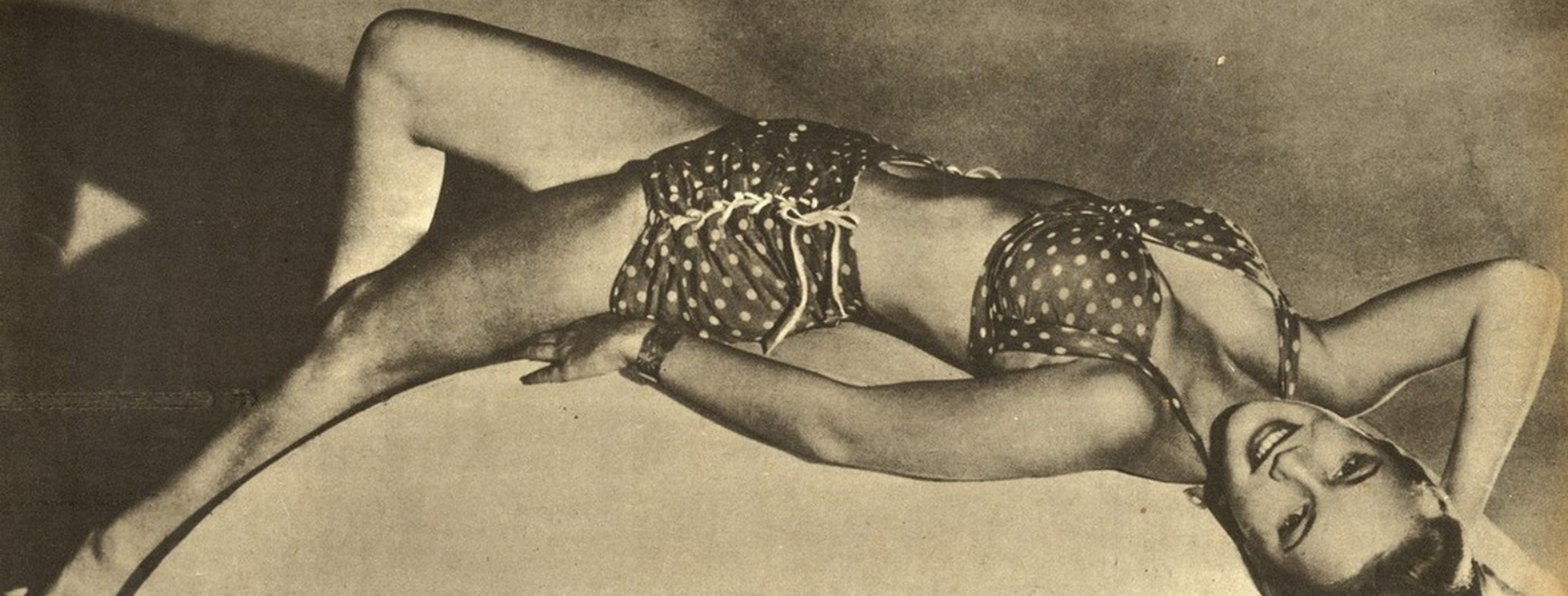
Os alemães, acossados pelos Exércitos das Nações Unidas — eles, que levaram a guerra à quasi totalidade da Europa — vêm-na agora já muito para além das suas fronteiras. As destruições que fizeram no velho continente são incalculáveis. Batidos ou obrigados a retirar pela forças das armas, as estradas, os rios, as cidades e as fábricas ficaram assinalados por gigantescas ruínas. Eis a ponte de Mornesnet, cuja espinha metálica foi por eles fracturada, na pretensão de deter o avanço das forças libertadoras do mundo. Hoje em dia, porém, com a técnica da engenharia, que trabalha com materiais pré-fabricados, nos campos de batalha, estes «casos», que antigamente fariam deter longos dias um exército, resolvem-se em poucas horas. Não há, pois, rios intransponíveis, que constituam soluções de continuidade no campo de batalha.

A MULHER A ESFINGE

Esta esfinge do Egípto, esmo mutilada, seria talvez a mulher mais bela do mundo. As suas pupilas augustas viram, já, minios de história. Mas dizemos, com franqueza, se esta linda inglesa, dos serços da R. A. F., mesmo em ser esfinge, não é mais bela?

parecem tanks camuflados, a atravessar um rio. Tuere apostar que não são? Trata-se de medas de feno, da região do Kanis, nos Estados Unidos, que a inundação de um rio, cujas águas depois sequeu, aprisionaram, dando-lhes este fantástico aspecto





POLO DE BELEZA

UM polo de beleza... mágico! É ainda a graça feminina que domina o mundo. Os homens tem a ilusão que são eles! Puro engano. Não sejam tolos, o que seria ridículo. A mulher! Todas as mulheres! Que teoris, meu Deus! Desde que a vida apareceu como uma bola... de psnicilina nesta orusta planetaria, elas tem sido tudo. *Eva, Salomé, Safo, Atrodite, Frinea* — as mais antigas, que morreram em beixa, até às de ontem, bocas inumeráveis de paixão, ou as de hoje, cada vez mais, clamorosamente, adoráveis e fascinantes. Há uma coisa em que todos nós estamos de acôrdo, é que a mulher é rainha do mundo. Glamour, ravissante, beautiful ou guapa não é preciso tradquir.

É lingua internacional dum esperanto, que todos nós fala-

mos com os olhos mais ou menos atrevidos. Não se desesperem em frente das estátuas. A sua nudez é de pedra fria. Tem a imobilidade da morte. Não prestam. Decorativamente, podem ter algum préstimo, como a banalidade de um coreto de música ou dum posto de correio, numa avenida.

A beleza quere-se viva, palpitante, radiante como está detada, amorosamente, sobre o mundo, a sua onda mais alta de ritmo plástico. Vale tôdas as estrelas do céu e, se o sol desaparecesse, o seu sorriso voltico arderia sobre a terra inteira. Sabem quem é? Miss Rita Daigle, de Massachusetts.

Sinho feito vida, sonho convertido em amor. Esta fotografia, que se celebrizou na América, in the world, obteve o primeiro prêmio dum concorrido e exigente concurso.

PUBLICITAS



Marlice

PARIS

*O Baton
persistente e fixo!*

CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, L.DA

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

Alguns pormenores para renovação primaveril

OS chapéus usam-se mais pequenos, o que provoca espanto à primeira vista, de tal modo estávamos habituadas a andar... com o mundo à cabeça.

A côr mais moderna para as raparigas: verde-gêlo.

A côr mais em voga para senhoras: amora.

O cabelo u-a-se mais curto. E cada vez mais levantado.

Nos vestidos de tarde tem graça o bordado a canutilho. Alterna com os drapés e as rendas grossas.

Tome cautela

Antes de se prender, estude atentamente o partner. Oíça:

- Tem o branco dos olhos avermelhado? — É violento, impulsivo.
- As unhas são largas e finas? — E' um artista mas não saberá ganhar dinheiro.
- Os olhos são pequeninos? — E' desconfiado.
- As orelhas também? — Nunca enriquecerá.
- As unhas são triangulares? — Não saberá guardar segredos.
- A bôca é grossa? — Será bondoso mas mandrião?



Um lindo vestido para menina que o Harper's Bazaar, de Londres, apresenta



Para o chá, este elegante vestido. Repare-se na altura e guarnição das mangas



Um conjunto de desporto, que, apesar das calças, é bem feminino



Especial para as nossas leitoras, este modelo de gosto requin ado, que o Harper's Bazaar nos enviou

Doçaria

Bôlo de chocolate

Juntar 250 grs. de açúcar, com outro tanto de amêndoas e de chocolate rapado. 125 grs. de farinha.

Quando tudo estiver bem junto, acrescentar oito claras em ponto de neve e meter no forno.

Gaby

COUTURIER

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEPHONE 4 9735 LISBOA

MODÈLES
PARISIENS
DE
ROBES
MANTEAUX
TAILLEURS

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18



Dentes com saúde

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Obras improvisa- das...

HÁ uns ditos «con-sagrados» de que muitas pessoas usam e abusam.

Se fôssemos a citar todos, teríamos que preencher algumas colunas. Ora, como isso é impossível, nomearemos apenas esta sentença «consagrada» por ser dita e redita.

Algumas pessoas que não escrevem os jornais mas escrevem para os jornais, tiram de quando em quando para o público com este dizer cansado: «a obra ressamte-se da improvisação!...» O dito é aplicado ao jornalista que tirou às suas fatigantes horas de labuta, uns momentos para realizar qualquer obra literária.

Também por baldar se lhe atribui muitos defeitos literários, e até há quem afirma que da pena de um periodista é impossível sair trabalho intelectual perfeito. É uma opinião, aliás contrariada por variados exemplos desnecessários de enumerar. Pois toda a gente que vive no convívio das letras os conhece suficientemente.

O mais contraditório, porém, é que os literatos que condenam as obras «improvisadas» dos jornalistas, não estão livres desse defeito nas suas obras mesmo pensadas, repensadas, emendadas e longamente amadurecidas. Só assim se explica que surjam livros tão fragelzitos que nos dão a ideia de que nem sequer foram «improvisados». E os seus autores são, em alguns casos, «intelectuais» que se utilizam dos jornais para dizer mal dos jornalistas.

MEMÓRIAS

OS portugueses não são muito dados a escrever páginas memorialistas. E ainda bem que assim é. Não que entre os nossos escritores rareiem os que muito poderiam escrever acerca da vida alheia e, também, da própria.

A preocupação da expressão formal pacientemente elaborada na tranquilidade de um confortável gabinete nem sempre constitui a maneira mais comunicativa e evocadora de episódios vividos ou observados.

Parece-nos que os portugueses, quando pensam em legar aos vindouros as lembranças do passado, falam demasiadamente de si.

Raros são aqueles que numa relembração nos vêm contar a seu respeito os erros cometidos, as pequenas inferioridades, próprias até dos grandes homens, as suas acções mesquinhas que, ao recordá-las, os poderia fazer corar.

Antes se compraxem em pôr a nú as desvirtudes e os erros de estranhos desaparecidos já da face da terra. Quando não sucede ocuparem-se ostensivamente, de si próprios.

Este será talvez um dos motivos que tornam entediados alguns livros de memórias. Só quando os factos são produto de invenção os passos memorialistas podem ter seu interesse pela porção de inverosimilhança que encerram.

É natural que algumas pessoas julguem o contrário deste falível juízo. Mas por mais que nos queiram convencer de que assim não é, se nos derem licença, sempre ficaremos com a opinião de que o português não é indivíduo que se arrisque a vir a público revelar-lhe as suas deformidades morais de mistura com uma ou outra virtudezinha pessoal.

Depois seria aborrecido para qualquer escritor ocupar-se da superioridade do semelhante sem se lembrar de si. Este facto só se dá quando a figura evocada nada tem que a recomende. Michelet, em 1846, escrevia o seguinte a Edgar Quinet: «Bastava interrogar as minhas memórias para compreender as dotes e as conselhas do povo».

E o antigo filósofo, depois enorme pensador da «História da França», orgulhava-se em proclamar: «reuni letras antes de reinir ideias». Se hoje qualquer grande escritor português viesse a público confessar nas suas prováveis memórias que fôra operário, sabe-se lá se a sua ambicionada glória não estaria em perigo.

Homens com e sem juízo

NADA mais curioso para nós do que ouvir certos indivíduos a quem o vulgo, em ar ao mesmo tempo de piedade e de troça, chama «malucos».

«Malucos», são pessoas que, habitualmente, dizem coisas diferentes das de toda a gente. Também há quem confunda «maluco» com «filósofo». Quem assim pensa, porém, crê-se perfeitamente esjuizado; o que não quer dizer que não faça também «besteira» como dizem com muita propriedade, os simpáticos brasileiros.

Para a maioria dos homens só é sensato aquilo que é facilmente compreensível e que toda a gente pratica. E, as vezes, não é bem assim.

Nunca nos esqueçamos o drama de determinada personagem que encontramos em qualquer obra literária.

Dizia a referida figura que as únicas pessoas com quem gostava de conversar, porque lhe referiam coisas novas, eram os loucos.

Para a aludida personagem, os homens de juízo eram mortalmente aborrecidos.

O pior é que o encanto de tão agradável benefício espiritual se transformou em malefício, e o admirador do génio dos dementados acabou doido. Por isso, também correm o seu perigo as pessoas que, para fugir à vulgaridade, se aproveitam de outras que não regulam lá muito bem...

OS SOLDADOS LI-
BERTADORES
MARCHANDO
PARA A FRENTE
DE BATALHA



Reprodução de um dos quadros do consagrado artista Portela Junior, o que será exposto, na próxima semana, entre muitos outros, na capital do norte, no Salão Silva Porto

A arte e a guerra

COMO não podia deixar de ser, o espírito que hoje anima as criações de arte é bem diverso daquele que inspirava os artistas aqui há uns anos atrás, principalmente nos países libertados.

O teatro, como arte mais intuitiva e evidente para o público, tem recebido benéfica influência.

Em Bruxelas tem ultimamente constituído grande êxito a representação de uma peça de um autor flamengo e que tem por título esta frase: «Então, camarada camponês, que é feito dos teus milhões?»

A obra tem um fim moralizador, a sua acção é simples e o espírito social que lhe serve de fulcro é o seguinte: Um camponês pobre, durante a ocupação alemã enriquece, amalha milhões, traficando no «mercado negro».

A libertação chega e com ela certas medidas sanadoras das quais resulta o empobrecimento daquele e de outros transitórios milionários. E a personagem, perdida a riqueza criminosamente obtida, só tem uma solução para viver: regressar à terra e ganhar honestamente o pão com o produto do seu trabalho.

Dai o título da peça que só por si reflete um sistema de filosofia social.

Ciência fácil

FULANO disse isto, Sicrano aquilo e Beltrano afirmou que... E as citações sábias e consagradas repetem-se num sucessivo estendal de sapiência. Verdade é que em muitos casos as alusões pecam por superficiais.

Mas a enumeração de tantos autores e o conhecimento deles dá certo ar profundo e superior a quem os cita.

Admitimos que isso se dê por moda literária. Antigamente, os indivíduos expunham e divulgavam as suas ideias e os seus conceitos por muito pobres e descaídas que fossem umas e outras.

Hoje parece que se tornou mais fácil repetir aquilo que os outros disseram. Com tudo na vida vai tomando mais cômoda feição, sempre é melhor repetir do que imaginar.

Dai resulta a celebridade daqueles que, nada pensando, se dão ao entretenimento de conviver com homens de génio, citando-os, de cor, a torto e a direito.

O SOBRETUDO

de GUEDES DE AMORIM

ERA quinta-feira, de manhã, como de costume; e Lucinda, a lavadeira, viera trazer a roupa a D. Adelaide, a viúva do advogado Costa Brandão. Estava, agora, sentada na cozinha, esperando que a senhora aparecesse, para fazer a conferência das peças. A seu lado, o seu Estevão, um rapazinho de dez anos, esmaçava o nariz de encontro ao vidro da janela e distraía-se a ver as galinhas e os patos que esfuracavam a terra, lá baixo, no quintal. Fazia fr.º Bondosa, a Carlota, cozinheira, tinha dado já a Lucinda e ao filho duas grandes chicanas de café quentinho.

— Então, já chegou há muito? Era a D. Adelaide que acabava de aparecer, fechada num «robo» de lã, seguida do seu filho único, o «menino Tomazinho», como lhe chamavam as criadas.

— Chegui há miçalhinho, minha senhora.

— Então, vamos lá conferir a roupa. A lavadeira seguiu D. Adelaide para o quarto de costura, onde se costumava fazer a contagem da roupa lavada.

Os dois pequenos foram atrás das suas respectivas mães.

— Não venhas para aqui — disse D. Adelaide ao Tomazinho. — Vai brincar com o Estevão, para a sala.

O filho da lavadeira, bisonho e triste, deixou-se arrastar pelo Tomazinho. Gostava de ver os brinquedos daquele menino rico, mas custava-lhe sempre muito responder às perguntas que êle lhe fazia. Quem eram os seus amigos, a que horas tomava banho, de que filmes gostava mais e como preferia tomar a ovomaltine?... Estevão ficava muito envergonhado ao ouvir essas e outras perguntas semelhantes e, como não soubesse o que responder, baixava os olhos para o seu fatinho remendado, até que o outro lhe chamava a atenção para qualquer brincadeira mais atraente.

Nessa manhã, Tomazinho, muito contente, muito vaidoso, mostrou ao

filho da lavadeira, em vez de brincardos, o sobretudo novo, que a mamãe lhe havia mandado fazer e um par de luvas.

— Gostas disto?

Estevão abanou afirmativamente a cabeça.

— Gostarias de ter um igual? — tornou Tomazinho.

Estevão olhou para o Tomazinho e viu-o a sorrir, como se estivesse a fazer pouco dele. Apeteceu-lhe chorar. Compreendeu, então, que essa pergunta, como todas as outras que, habitualmente, o filho de D. Adelaide lhe dirigia, tinham o intuito de o magoar e vexar.

Nesse momento, ouviu a voz da mãe:

— Estevão! Ó Estevão!

Correu para junto da mãe, que o recebeu sorridente, mostrando-lhe um sobretudo de homem, dizendo-lhe:

— É para ti... Foi a sr.ª D. Adelaide que mo deu, para fazer um sobretudo para ti. Vamos, agradece à sr.ª D. Adelaide. Vamos. Como se diz?... Anda...

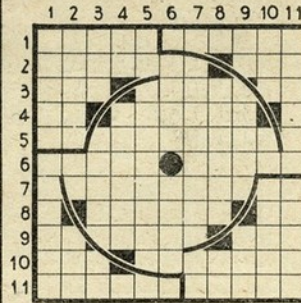
Sacudido, instado pela mãe, Estevão levou tempo a agradecer. Na sua frente, o Tomazinho fitava-o agora com um sorriso de ironia e maldade. A D. Adelaide, muito hirta, muito séria, parecia não desistir de escutar a scatidão do pequeno.

— Então, Estevão, como se diz? — teimou a mãe, pondo-lhe os dedos nas orelhas...

— Muito obrigado... — disse por fim, o rapazinho, com a voz molhada de lágrimas.

A lavadeira, andava contente. Embora o destino fosse cruel para consigo, obrigando-a a ter constantemente as mãos afogadas em água fria como gelo, cuidando da roupa de D. Adelaide, e doutras freguesas, o seu Estevão não passava frio êsse inverno. Todavia, o pequeno andava descontente. Aquele sobretudo pesava-

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 103

HORIZONTAIS

- 1 — Cólera — Preencher a falta de.
- 2 — Faz adiantar — Composição poética.
- 3 — Astro — A MAIOR DAS ILHAS FILIPINAS, QUASI TOTALMENTE REOCUPADA PELAS TROPAS AMERICANAS — Preposição.
- 4 — Símbolo químico de érbio — Torno a mexer.
- 5 — Defeituosa — Substância que existe nos alimentos e que é assimilada pelo organismo.
- 6 — Reabilita — Cheirs.
- 7 — Frutos do azaroleiro — Aqui.
- 8 — COMANDANTE CHEFE DA ESQUADRA AMERICANA DO ATLANTICO — Símbolo da prsta (quim.).
- 9 — Em a — Fronteiras — Ligo.

- 10 — Astro — Subscrever.
- 11 — Abriga — Vil. do concelho do Seixal.

VERTICAIS

- 1 — Amofinim — Ilimitada.
- 2 — Averigua — Além — Proposição e artigo (pl.).
- 3 — Raiva — Ministro de um príncipe muçulmano — Medida itinerária chinesa.
- 4 — Espreita — Choupana.
- 5 — Artigo (pl.) — Infercia.
- 6 — Resumo — Rezas.
- 7 — Bestas de carga — Apelido.
- 8 — Combinam com oxigênio — Prefixo de negação.
- 9 — Nome de uma letra grega — Numeral ordinal (pl.) — Espaço de tempo.
- 10 — Andai — Atmosfera — Pesquisar.
- 11 — Envie — Neste momento.

Solução do problema n.º 102



—lhe demasiado nos fracos ombros, asfixiava-o, como se dois braços vigorosos o estivessem sempre, sempre a apertar. Impressionava-o, por um lado, que o sobretudo fosse dum morto, do marido de D. Adelaide e, por outro lado, parecia-lhe que, usando-o, estava continuamente a ver o sorriso velhaco do Tomazinho. Não podia dizer que lhe ficava mal, contudo. A lavadeira tinha chamado um alfaiate vizinho e mandara-lho arranjá-lo à feição do corpo do filho. Estevão, na primeira vez em que o vestira, vira rapazes seus vizinhos, pobrezinhos como êle, olhá-lo com admiração e inveja. Era um bonito e bom sobretudo, sem dúvida nenhuma.

Quando, agora, a mãe se ausentava de casa, para ir levar a roupa às freguesas, Estevão recusava-se a acompanhá-la. Já não lhe interessava ver caras bonitas e comer os saborosos restos de refeições... Tinha vergonha de se mostrar com aquele sobretudo, que havia pertencido a um morto e que fazia sorrir cruelmente o Tomazinho. Aquele sobretudo era o seu pesadelo, a sua vergonha!

Um dia, a Lucinda foi entregar a roupa a D. Adelaide e, como sempre, teimou com o filho:

— Anda daí, meu tolo, que a senhora pode ter lá qualquer coisa velha que te dê para tu vestires...

Estevão simulou uma dor de dentes, pôs-se a choramingar, e dêste modo, convenceu a mãe de que era impossível acompanhá-la.

— Então, deita-te. Que eu, lá para o meio-dia, estarei de volta.

Mal a mãe saiu, em vez de se deitar, Estevão sentou-se próximo da lareira, onde ardia um bom fogo, e olhando as mangas do sobretudo

ESTOMAGO ACIDO?

Não é muito bom sinal!
Mas se tomar duas Rennie's
Vai-se embora todo o mal!



Quando se sentir roído pela acidez do estômago, não precisará de misturar um remédio na água. Precisar, sim, de qualquer coisa mais rápida e melhor. Precisar a Rennie's.

As Rennie's são embrulhadas, separadamente, para as poder trazer sempre consigo, esteja onde estiver. Poderá tomar duas, assim que o seu estômago der sinal de existir. Basta chupar uma de cada vez, como se fossem rebuçados. Dentro de dois minutos, o excesso de ácido terá sido neutralizado. A sua indigestão terá desaparecido! As dores foram-se. O estômago sente-se reconfortado. O apetite volta.



Rennie compõe-se de 15 ingredientes que auxiliam a digestão e neutralizam, rapidamente, o excesso de ácido.

Compre um pacote de Rennie's ainda hoje, na sua farmácia. Leve consigo algumas, na algibeira do colete ou na malinha de mão.



(Continua na pág. 20)

HERPETOL

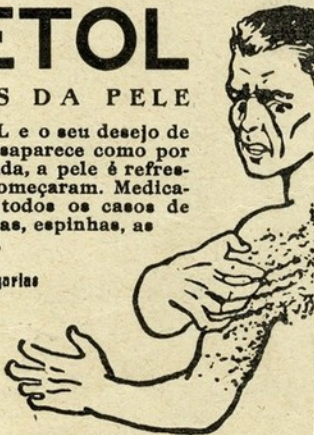
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

É vendida em todas as farmácias e drogas

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA





**TUDO CORREU MAL
ESTA MANHÃ . . .
PORQUE A SUA
DIGESTÃO SE DESARRANJOU
ONTEM À NOITE**

A causa foi o estômago azêdo! Não há que estranhar que se sentisse impertinente e indisposto. No estômago déle ia um tumulto fervente de alimentos não digeridos. Os nervos torturados protestaram angustiadamente, em revolta contra a acidez que com facilidade poderia ter sido rectificada. Na próxima vez que sinta aquelas dores agudas e penetrantes ou aquelas azias tão desagradáveis que denotam estômago azêdo, tome uma pequena dose de Magnésia Bisurada. É agradável de tomar e neutraliza imediatamente a acidez. Dentro de três minutos faz-se sentir a acção neutralizadora da Magnésia Bisurada. O excesso de acidez é dissolvido. Ardores, flatulência e cólicas dolorosas desaparecem. Novamente se sente com boa saúde e de bom humor. Tenha sempre à mão uma pequena quantidade para casos de emergência.

**DIGESTÃO ASSEGURADA
com
MAGNÉSIA
BISURADA**
À venda em todas as farmácias em
pó ou comprimidos a 15\$00 e 23\$00.

As grandes rainhas

(Continuação da página 9)

da colecta nacional para os hospitais, que se tornou uma data tradicional na Inglaterra. No mês de Junho de todos os anos vendiam-se naquêlê país as rosas de algodão, sendo o produto da venda destinado

a auxiliar a vida das instalações hospitalares.

Com a morte de Eduardo VII, após um reinado relativamente curto, foi a rainha Mary, esposa de Jorge V, que passou a ser considerada a «primeira dama» da Côte britânica. A princesa «Mary» de Teck era, pelo seu carácter e pela sua inteligência, uma personalidade marcante. Essas qualidades afirmou-as ela nobremente durante os vinte e cinco anos em que seu marido reinou. A literatura, a pintura e a jardinagem constituíam as preocupações dominantes, do seu espirito de eleição. Durante a primeira guerra mundial e no período perturbado que se seguiu à celebração da paz a sua influência benéfica fez-se sentir de maneira inesquecível.

A actual «primeira dama» da Côte é a Rainha Isabel. Como a rainha Mary, que actualmente vive retirada e rodeada pela consideração geral, a rainha Isabel, tem auxiliado incansavelmente seu marido no desempenho do seu elevado cargo durante o período calamitoso da segunda conflagração mundial. É do conhecimento geral a forma verdadeiramente notável por que a familia real britânica tem presidido aos destinos da Grã-Bretanha na hora difícil que o mundo atravessa. O rei e a rainha têm acompanhado o seu povo dedicadamente em todas as provações que êste suporta, com estoicismo exemplar, desde que estalou o actual conflito. A princesa Isabel, futura «primeira dama» da Côte, teve uma educação idêntica à de sua mãe, passando a melhor parte da sua mocidade em Londres. A sua preparação para as elevadas

funções que um dia será chamada a desempenhar têm versado sôbre os assuntos da história e direito constitucional que são muito da sua predilecção. O rei e a rainha decidiram há muito que sua filha acompanhará de perto, não apenas a vida de luta mas a existência quotidiana do povo e dos trabalhadores da Grã-Bretanha.

As «primeiras damas» da Côte britânica têm, ao longo de mais de um século, conquistado mercedosamente as sympathias incondicionais da nação e isso muito contribuiu para realçar naquele país o prestígio da função real e a influência da actual dinastia.

“THE TIMES”

(Continuação da pág. 2)

Em 1817, o novo redactor chefe, Thomas Barnes, assegurou a colaboração de individualidades inglesas eminentes e, em 1841, último ano em que exerceu o cargo, o «Times» tornou-se, não só na Grã-Bretanha como no estrangeiro, um jornal influente. Escritores como Disraeli, Sterling,

lord Brougham, etc., nele preconizaram, então, uma política de liberalismo moderado. Entre outras causas que o «Times» defendeu, citeamos a lei de Reforma de 1832. Em 1834, lord Lyndhurst, Grande de Chanceler, declarava: «O redactor-chefe do «Times» é o homem mais influente da Grã-Bretanha.»

Em meados do século XIX, o «Times» começou a publicar, regularmente, uma página financeira, contendo preciosos conselhos para os homens de negócios. Escritores como Thackeray, Thomas Moore e lord Macaulay fizeram artigos de crítica literária e, graças à sua colaboração, o jornal tornou ainda maior a sua reputação.

Em 1908, o «Times» foi adquirido por lord Northcliffe e no principio dêste século publicou famosos supplementos: o literário saiu em 1902; o técnico, em 1905; o educativo, em 1910. Quando lord Northcliffe faleceu, em 1912, o jornal foi readquirido pelo tenente-coronel Astor, que instituiu um conselho de administração de cinco membros, afim de assegurar absoluta independência. Entre os administradores encontram-se o governador do Banco de Inglaterra, o presidente do

LAMINAS

Os homens de todo o mundo continuam a afirmar que o sistema de barbear Gillette bate todos os outros em rapidez, perfeição e economia. Não importa que compre a lâmina Gillette Azul ou a Lâmina Gillette Dourada, pois em ambos os casos, compra a melhor qualidade de lâminas.



GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

**A perigosa
PRISÃO DE VENTRE RESOLVIDA
EM 12 HORAS**

BROOKLAX
CHOCOLATE LAXATIVO

Prevenimos os Ex.^{mos} Médicos e o público que o mercado está devidamente abastecido dêste produto

Raúl Vieira, Ld.^a

Tribunal do banco do Rei e o presidente do «Royal Society».

O «Times» está hoje mais prospero do que nunca. Apesar da guerra, conserva o seu aspecto característico e inconfundível. Reduziu, muito embora, o número de páginas, mas continua a publicar artigos das individualidades mais representativas sobre todos os assuntos da actualidade. Éle reflete, sobretudo, o sentimento e a opinião da maioria dos cidadãos britânicos sobre a vida moderna.

O SOBRETUDO

(Continuação da pág. 28)

começou a pensar em libertar-se daquele tormento...

Pouco depois, bateram à porta. Foi ver de quem se tratava. Era um velho cego, conduzido por um rapazinho, mal enropado, que tritava de frio.

— Uma esmolinha... — pediu o cego.

— Uma esmolinha... — disse o pequeno.

Esteve, decidiu-se, num instante... Tirou o sobretudo — o seu pesadelo! — e entregou-o ao rapazito:

— Toma lá, só tenho isto.

— Bem hajal

Horas depois, quando Lucinda chegou, ao saber da generosa attitude do filho, ficou-se a olhá-lo, um instante, como se o não tivesse compreendido e, por fim, enraivecida, deu-lhe uma grande sova.

A RAINHA BRANCA DA BIRMÂNIA

(Conclusão da pág. 23)

mulheres abastecimentos de algodão de que elas tanto necessitavam para fiar, como também abastecimentos de medicamentos e reservas semelhantes. Pouco tempo depois, começaram a olhar para

esta mulher forte como uma pessoa que podia acompanhá-los nas suas grandes e rápidas marchas através das montanhas, como seu verdadeiro chefe. A palavra dela tornou-se lei. Por essa razão, não foi nenhuma surpresa que, quando a guerra chegou a estes caminhos da serra, foi para a sua "Rainha branca" que eles se voltaram. E Ursula Graham Bower nem faltou ao país de adopção nem à Causa Aliada.

Obedecendo às suas instruções, foram estabelecidos postos de observação através toda a serra de North Cachar, que forneceram ao XIV Exército eficientes fontes de informação. Quando a informaram de que as coisas iam mal e que devia estar preparada para deixar aquele lugar por outro mais seguro, a sua resposta foi mandar um aviso, pedindo mais 30 espingardas. O aviso terminava: "Estou em campo para ver o que acontece." E estava.

A fisionomia dos cafés

(Continuação da pág. 12)

café — é simplesmente, um pretexto. Vai-se ao café para tudo, menos para o essencial que interessa os criados e os proprietários. É o único sítio onde o tempo passa sem nos carregar de toneladas de tédio ou de prazeres astronômicamente caros. Cada um, à falta de orquestra tem o seu jornal falado.

Sabe-se ali tudo, o pior e o melhor, em arte, teatro, jornalismo, ciência, literatura e até política. Discute-se, conversa-se, e até se bebe a negra e aromática bebida negra! O Chiado entra pelos seus cafés, e vê-se reflectido nos espelhos — pernas, vultos, moços com

embrulhos, glórias incipientes, fastígios descrepitos, belezas munificadas, de riso fixo, como as estátuas e raparigas em flor, cujo perfume de graça imaculada entontece como os «guerlains» de antes da guerra.

O literário X. anuncia o seu livro: — Um pedregulho no lago, que os salpicará todos de ironia!

Um poeta triste que enceta as primeiras letras escreve o seu poema, numa mesa retirada, chupando o cigarro e os miolos. Os jornalistas saúdam-se com efusão e criticam-se com volúpia. E há rodas de professores, de empregados públicos, de pintores, de toureiros, de reformador, cada uma com o seu centro, ponta esquerda e ponta direita, que tantas vezes se repelam, carregadas de fragorosa electricidade.

Proust se não tivesse escrito na cama, escorchando a sua sensibilidade, ter-nos-ia dado um belo livro sobre os cafés de Paris. Não a paisagem geométrica do mobiliário, mas os ambientes, com a sua referência humana. Há tipos que aparecem e desaparecem emitindo uma luz incerta como os pirlampos. Quem é este homem o último que se levanta, alta madrugada, entre as mesas desertas, e se encaminha lentamente para a porta, levantando a gola do sobretudo? E o violino que toca um jazz — alegre frenético: mais alto! — e tem uma máscara de cêra triste e soturna?

Agora aquela mulher suspensa do pincel dum artista, podendo ser bonita à luz artificial, que passou ali a tarde em frente duma chavena vazia, esperando quem não virá? Em contraste, os barulhentos, os explosivos, a autentica alma do café livre e rebelde, que tem uma verdade própria, mesmo quando situada na sua paixão. Nem os lustres, nem *panneaux*, nem mesmo os criados de guardanapo no braço entornando V. Ex.^{as} na bandeja, alteraram a fisionomia desses foruns públicos.

São o que eram — e continuam a sê-lo! E agora se savoriou o café, e não gostou da crônica, faça a crítica com um amigo, aí mesmo — no café!

Rogério Pérez

A GUERRA CONTRA O JAPÃO

DESDE Outubro de 1943, data em que duas divisões chinesas atravessaram a fronteira da Província de Hassam no nordeste da Índia, as forças Aliadas reconquistaram todo o norte da

O FRIO

Não produz grêtas ou frieiras na pele que foi untada com Diadermine Bonetti antes de sair para a rua.

A Diadermine Bonetti, recomendada e utilizada pelos Médicos, não é corada, nem corroe. Vende-se nas farmácias e perfumaria, em botões azuis de origem. Só a Diadermine Bonetti é de confiança.



OFERTA — A toda a leitura desta revista que encomendar um boião de Diadermine Bonetti de Esc. 10500, serão enviados juntamente dois tratados de higiene e beleza, interessando toda a senhora casada ou solteira. Basta especificá-lo endereçando o pedido aos Depositários da Diadermine Bonetti, rua d'Assunção, 86-2.º — LISBOA.

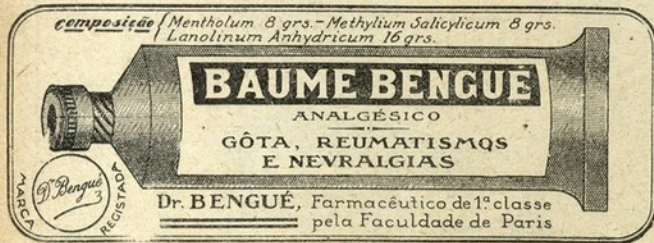
Birmânia e avançam pelo difícil terreno selvagem em direcção a Mandalay. Atrás delas, operários de construção de muitos países abriam a estrada do Leno, preparada para suportar todas as condições atmosféricas, através de Myitkylna, capturada a 4 de Agosto.

Uma cordilheira pequena mas difícil ainda precisa ser limpa para que a Estrada de Ledo possa ser continuada.

Também se construiu um tubo condutor de petróleo que, partindo de Calcuttá, vai até Assam e mais além.

Acompanhando os progressos Aliados na Birmânia, unidades navais britânicas atacaram repetidas vezes durante o ano ilhas ocupadas pelos japoneses, ao sul. Em Dezembro, o Almirantado britânico anunciava a criação duma nova Esquadra, destinada a operar em conjunto com a esquadra do Pacífico dos Estados Unidos. Esta nova Esquadra britânica, com bases na Austrália, proporciona os meios de cerrar uma tenaz naval em redor do Império das Índias Orientais.

Quereis ganhar dinheiro?
ANUNCIAI NO
Mundo Gráfico



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

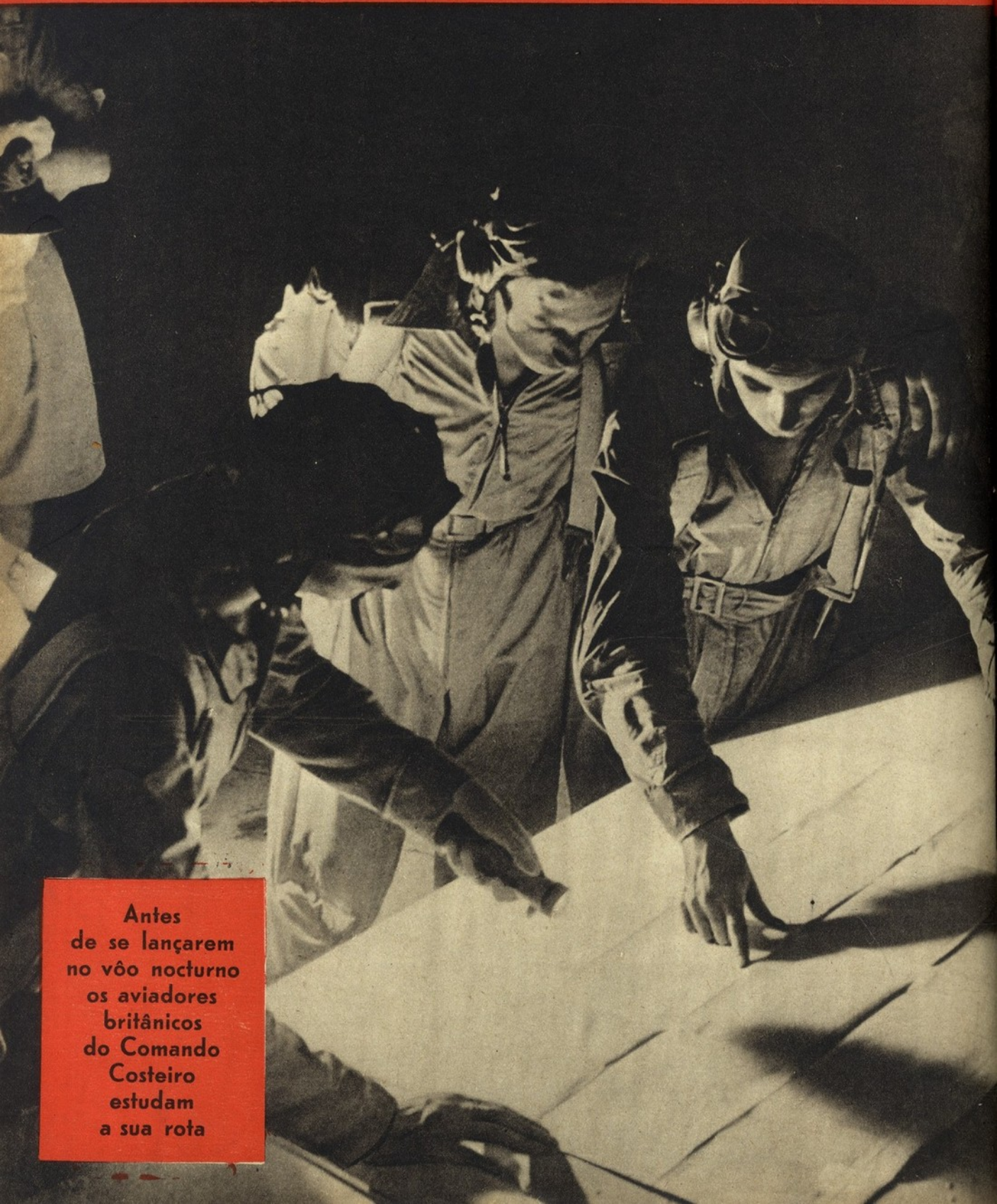
Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



Desde o dia 4 de Fevereiro a Voz de Londres, às 21.15, transmite-se, também, em ondas médias de 285 metros

MUNDO GRÁFICO



Antes
de se lançarem
no voo noturno
os aviadores
britânicos
do Comando
Costeiro
estudam
a sua rota